



DE DISLÉXICA A TERAPEUTA DE DISLÉXICOS

Eliane Campos

2020



Eliane Maria Fernandes Campos

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-graduada em Neuropsicologia pela Faculdade Pernambucana de Saúde e 38 anos de dedicação profissional em dificuldade e transtorno de aprendizagem da leitura e da escrita.

Eliane, que quando criança tropeçava nas palavras como se fossem pedras, como se fossem teias que prendessem suas frases em armadilhas, que trocava letras, nomes, para quem muitas palavras teimavam em se ausentar, me conta:

É disléxica.

E o que a salvou foram os livros. Quando finalmente começou a ler, lia todos os dias.

Todos nós, leigos, já ouvimos falar sobre a plasticidade do cérebro. Podemos moldá-lo, melhorá-lo e a leitura, neste caso é a grande ferramenta.

Os textos deste livro narram a experiência desta travessia:

Passar de disléxica a terapeuta de disléxicos, tendo o livro como seu principal aliado.

São textos simples e belos, com uma grande carga de emoção e poesia.

Eliane dá a receita, que sem ser disléxica, sigo desde que aprendi a ler.

Ler todos os dias, porque os livros são casa e comida e não podemos viver ao relento.

Roseana Murray

Saquarema, outono de 2020



**Dedico o e-book à minha amada mãe,
Tide Campos, e ao querido Fernando
Capovilla que me inspirou a escrever.**



um

Menina enfrentei grandes tempestades. Algum raio atingiu o meu cérebro, antes de nascer. Ele é diferente do normaléxico. Muitos adultos foram Trovões na minha vida de menina. Era uma chuva incessante de dificuldades, e os ventos eram sempre do contra, impedindo que eu me apropriasse da leitura e da escrita. No Castelo Encantado do Livro eu teria um abrigo, mas era impendida de entrar por não saber ler. Durante a infância e a adolescência vivi um "inv(f)erno" sem fim. Ele me fez conhecer as profundezas das terras do disléxico. Estudando me transformei em Jardineira. Hoje, como Neuropsicopedagoga, cuido das crianças para que o jardim de cada uma floresça e, que possam viver a primavera desde infância. As minhas sementes mágicas são os livros. Eles também as levam para as suas casas. Vivi um longo inverno. Hoje vivo a PRIMEIRA de inverno a inverno.





dois

Comecei a falar muito tarde. Mamãe muito PREOCUPADA, me levou ao médico. Ele disse: "Não se preocupe, ela não é muda, já que fala a palavra mamã".

Na alfabetização não conseguia aprender a ler e nem a escrever. Mamãe preocupada PERGUNTOU à professora: "O que ela tem?" Ela respondeu: "Eliane é normal, o irmão é inteligente".

Mamãe tentou me ensinar a ler, mas desistiu. E me disse: "Se eu continuasse, lhe 'mataria'". Ela não desistiu, respeitou meu ritmo. Via meu interesse por livros e gibis, sempre comprava. Eu vivia com um livro. Ela dizia que eu me escondia atrás dele para não ajudá-la nos afazeres domésticos.

Adulta me confessou: "Eu fui ignorante quando lhe dizia que você se escondia atrás de um livro".

Ela escrevia poesias. Poucos meses antes de morrer, eu a ajudei a encontrar rimas.

Ela disse: "Menina, você tem jeito".

Com certeza, a facilidade veio de trabalhar com rimas com crianças com dificuldade de aprender a ler e a escrever.

Mamãe só estudou até o quarto ano, mas sabia que sua filha era diferente. Procurou ajuda de profissionais e não a levaram sério. Fui menina nos anos sessenta, havia um desconhecimento sobre dislexia na minha cidade.

Os profissionais devem escutar com muita atenção a fala das mães. Elas sabem muito mais do que pensam que sabem.

Apresentei sinais de crianças de risco a dislexia:

- atraso na aquisição da linguagem falada;
- atraso ou limitações quanto a habilidade sintáticas;
- dificuldade de pronunciar palavras corretamente;
- vocabulário pobre;
- dificuldade em nomear letras;
- dificuldade de repetir palavras;
- uso excessivo de palavras substitutas ou imprecisas (como "coisa", "negócio);
- tropeços, colisões com objetos e quedas freqüentes;
- dificuldade em seqüência verbais, dias da semana, meses e alfabeto;
- fraco desenvolvimento da coordenação motora;
- dificuldade de aprender cantigas de roda.

Se acompanhada logo que surgiram os sinais, não teria sofrido tanto. A intervenção precoce possibilita alteração no cérebro devido à plasticidade cerebral.



três

Quando eu era bem menina, adorava escutar conversas de adultos. Deixava de brincar com as crianças para escutar uma roda de conversas.

Quando me aproximava, uma amiga de mamãe dizia: "Já vem Luliloca".

Fiquei com a fama de menina fofoqueira, que adorava escutar histórias dos outros.

Eu não era fofoqueira, mas "escutadeira de histórias". Essa minha característica me salvou da dislexia.

Eu me esforcei para aprender a ler. Eu sabia que nos livros encontraria histórias mais interessantes do que as das rodas de adultos.



quatro



A sílaba tônica perturbou muito o meu juízo e o da minha mãe, e machucou meu coração na minha infância. Mamãe tentou me ensinar por diversas vezes a identificá-la e nunca obteve êxito. Ela perguntava:

"Qual a sílaba tônica de ônibus?"

E eu respondia: "Bus".

Ela, desesperada, dizia: "Menina, não é 'onibus'".

E tentava outra palavra: "Lâmpada".

Para o nosso tormento, eu dizia: "Da".

Para as minhas "oiças", a sílaba tônica era sempre a última sílaba da palavra. Todas eram oxítonas.

No mundo paralelo, rede social, encontrei um anjo, de nome Fernando Capovilla, que se interessou pelas minhas memórias como disléxica, que estou escrevendo, e me perguntou: "A música ajuda?".

No outro dia, ao acordar, resolvi cantarolar as palavras, sem muita esperança, mas eis que meu CORAÇÃO se encheu de contentamento. Pela primeira vez na minha vida, consegui identificar a sílaba tônica com facilidade, parecia uma mágica, a palavra ficou "colorida".

Descobri também que fui enganada durante toda a minha vida. Para os meus ouvidos, a "bandida" não é forte, e sim longa.

Como diz o ditado, "quem canta seus males espanta".



cinco



Quando criança, tinha muita dificuldade de memorizar poesias, cantigas de roda e letras de música; e isso ocorre ainda hoje.

Já a minha irmã, Crisinha, tem uma excelente memória. Ela na infância participava de programas infantis na televisão. Mamãe adorava poesias e as ensinava para ela. Num minuto, a menininha memorizava.

Em época de coronavírus, lembrei da minha irmã declamando uma quilométrica poesia O PÁSSARO CATIVO, de Olavo Bilac.

Mamãe respeitava os filhos. Nunca tentou me ensinar uma poesia, cantigas de roda e nem letra de música. Ela me ensinou a amar a poesia e a música. Vivia cantando e escrevendo poesias.

Queridos pais e professores, fiquem atentos às crianças que não conseguem aprender pequenas poesias e cantigas de roda. Esse é um dos sinais, que pode indicar crianças de risco para dislexia.



seis

Minha irmã, Cris, mandou para mim um pudim de leite muito saboroso.

Assim que comi, fui para o céu encontrar uma pessoa amada. Chegando lá, disse brava:

- Mamãe, por que só ensinou a Crisinha a fazer pudim?

Ela pensou: "Essa menina continua ciumenta". E disse:

- Ó menina, você só vivia escondida atrás de um livro. Irritada respondi:

- Mamãe, sou disléxica, não tinha tempo para aprender outras coisas. Eu tinha que aprender a Ler e a Escrever.

Ela disse, bem calma:

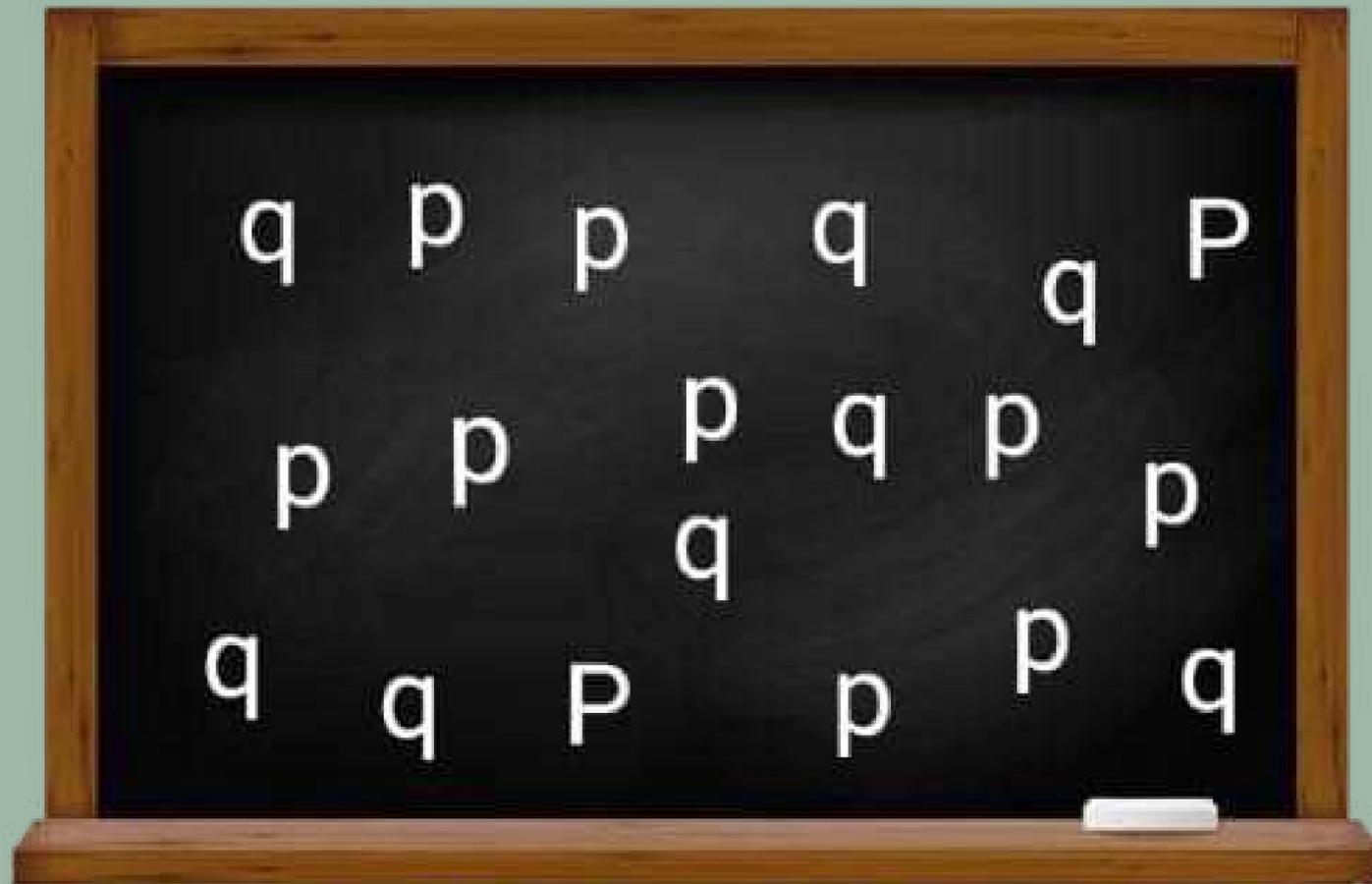
- Menina, deixe de ser boba, fica feliz de sua irmã fazer comidas para você com tanto amor, como eu fazia. Continua lendo os seus livros.

Quando eu ia descendo para a Terra, ela disse:

- Eliane, você não sabe cozinhar, mas tenho certeza de que vai saber escrever um livro.



sete



Meu amigo, irmão da minha querida amiga Gina, me deu a notícia do nascimento da sua linda neta, Maria Luiza.

Adoro espalhar notícias felizes. Disse logo que iria dizer a Niedje, amiga da faculdade. É que a mãe dela era de Floqui.

Ele me perguntou: "Floriano?"

Eu respondi: "Sim, Gina escrevia no quadro da faculdade que passaria as férias em Floriano, no Piauí".

Ele riu e disse: "Boa. Flopi!! Floriano com Piauí".

Eu ri e disse: "Luiz, eu sou disléxica, troco as letras".

Eu li Floqui em 1978 e, em 2020, descubro que li errado.

Disléxico, muitas vezes, troca o q pelo p.

A mãe de Niedje e o pai dos meus amigos nasceram em Floriano, no Piauí.

oito

Você sabe de onde vem a palavra "CORAGEM"? Vem do Francês Antigo "corage", do Latim: "cor", "cordis": "do coração".

Fernando Capovilla

Muito criança, enfrentei sozinha a DISLEXIA. A minha CORAGEM veio do meu CORAÇÃO de menina. Meus pais e professores desconheciam a DISLEXIA.

Só na Universidade que descobri que era disléxica. Tive uma professora que me ensinou filosofia e lógica. Ela verificou que meus textos não tinham lógica, mas que, em lógica, eu só tirava dez. Vendo esse descompasso, disse-me: "Você é disléxica como o meu filho." Fiz Psicologia e resolvi trabalhar com crianças com dificuldade e transtorno de aprendizagem da leitura e da escrita. Trabalhei com todo o meu CORAÇÃO, mas não tive CORAGEM de dizer às pessoas que era DISLÉXICA.

Recentemente, a CORAGEM de MENINA tomou conta do meu CORAÇÃO. Não tenho mais vergonha de dizer que sou DISLÉXICA. Sei que, mesmo sendo DISLÉXICA, posso ajudar os DISLÉXICOS.



nove

"O domínio da leitura é uma experiência tão importante na vida da criança que determina o modo como irá perceber a escola e a aprendizagem em geral". (Juracy Assmann Saraiva et al)



Ao ler a citação acima, li incorretamente uma palavra, o domínio virou demônio. Como disse Freud, "a voz do inconsciente é sutil, mas ela não descansa até ser ouvida". A dislexia está sempre presente na minha vida, pregando suas peças.

O domínio da leitura foi de fato um "demônio" na minha vida de menina.

A minha família era católica, mas não frequentava a igreja. Eu ia sozinha à missa, à procissão, ao terço; e fui até da cruzada. Creio que ia à procura de Deus, para ele me ajudar a dominar o "demônio da leitura".

Com o domínio da leitura, encontrei um anjo chamado Livro. Ele me acompanha até hoje.

Com ele ajudo as crianças a dominarem com facilidade a leitura. Elas terão sucesso na aprendizagem. Em geral, vão gostar da escola e não se sentirão diferentes dos seus amiguinhos.



dez

Meu Amigo livro, o começo da nossa amizade foi muita tenebrosa. Você não ligava para mim, me maltratou de várias maneiras, me fez chorar e machucou minha alma sem dó.

Quantas vezes passei vergonha por sua indiferença em frente aos meus amigos. Todos eles conseguiam ler você. Na minha vez, você se fazia de difícil.

Mamãe, papai e professores brigaram comigo por sua causa. Insisti em tê-lo como amigo, apesar dos pesares.

Sei que valeu a pena ter lhe conquistado. Você é meu amigo para todas as horas, me ensina, me faz rir, me consola em momentos de aflição e nunca me deixa só

Gosto tanto de você. A minha missão na vida é conquistar mais amigos para você.



onze



Muitos dos disléxicos apresentam um fraco desenvolvimento da coordenação motora, têm como comorbidade a dispraxia.

Eu nunca consegui jogar um pião, tinha dificuldade até de enrolar a corda no pião. Achava lindo um menino jogando um pião e fazendo malabarismo com ele.

Houve um outro pião, que também tive muito dificuldade, mas não desisti de jogar. Passava horas diariamente, na minha infância e na adolescência, tentando aprender a jogar esse pião.

"O objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento. Para fazer aparecer, é preciso um ato concreto, que se chama leitura, e ele dura o tempo que esta leitura durar. Fora disso só existem traços pretos sobre o papel".

Sartre

Adulta, ajudo crianças a movimentarem esse ESTRANHO PIÃO.

doze



A menina Lili foi meu anjo e minha neuropsicopedagoga. Ela lia todos os dias, começou com as revistinhas Luluzinha e a Bolota. Foi crescendo e continuou lendo diariamente.

A minha criança me fez uma leitora apaixonada. Foi uma valiosa orientadora na minha profissão.

Quando comecei o consultório, ela soprou no meu ouvido: "Faça com as crianças e adolescentes o que fiz com você".

Sou grata à Dislexia e a minha Criança, elas me fizeram escolher a minha profissão, Neuropsicopedagoga de crianças com dificuldade e transtorno na aquisição da leitura .

Sou também Mediadora de Leitura para todas as crianças e adolescentes que vão ao meu consultório.



treze



Levo esse sorriso no rosto porque muito LI. A Dislexia muitas vezes roubou meu sorriso de menina. Lendo diariamente, expulsei a "Ladra de Sorrisos".

Creio que todo o sofrimento que tive na infância e na adolescência para aprender a ler e a escrever não foi à toa.

Ele me inspirou a ser terapeuta de crianças e adolescentes com transtorno e dificuldade da aprendizagem da leitura e da escrita.

Minha missão é enxugar as lágrimas dos seus rostos e colocar sorrisos.

O sofrimento que passei, por ser disléxica, me faz compreender o que passa nos corações das crianças que demoram na aquisição e na consolidação da aprendizagem da leitura e da escrita.



quatorze



A menina disléxica disse, furiosa, para a sua psicopedagoga:

- Eu não aguento mais essa dislexia. Ela me deixa furiosa. Leio devagar e fico com sono, pulo palavras e linhas, invento palavras. Quando escrevo, omito ou troco letras, não sei colocar os acentos nas palavras, a sílaba tônica é difícil, “engulo” palavras quando faço um texto e não sei fazer a pontuação.

- Querida, enfrentando a dislexia, você será uma pessoa muito forte. Tenho certeza de que vai superar todas essas dificuldades. Você é uma menina Inteligente e muito criativa. Vamos ler um livro bem legal agora? Você será uma grande leitora - disse a psicopedagoga, afetuosamente.



quinze



Para algumas crianças, as letras são monstros que atormentam as suas vidas. Acompanhei um disléxico que as escrevia em forma de monstros. Ele sofria muito. Na tentativa de dominar os "monstros", muitas vezes gritava: "Estou no inferno." A medida que ia se apropriando da leitura e da escrita, as letras iam perdendo as características de monstro. Na última sessão, ele fez uma autoavaliação: "Eu melhorei em várias coisas, mas ainda tenho dificuldade de ler a pontuação. Porém, tenho certeza de que vou melhorar, como melhorei milhões de coisas. O consultório me fez amadurecer. Esses anos aqui foram puxados, mas tudo valeu a pena, pois sem esse consultório não teria passado em português".



Uma menina disléxica leu a história Os peixes, o vovô e o tempo, de Letícia Möller.

Pedi para que ela me contasse a história. Para ela, o personagem avô era uma avó. Perguntei como escrevia avó. Ela escreveu avó da mesma maneira como eu escrevia e lia na infância, avô.

Para mim, avó combinava com um chapeuzinho. E o acento agudo, mais simples, combinava com o homem.

Creio que, pela dificuldade de fazer a distinção do som para acentuar, se recorre a fantasias.

O acento circunflexo é um lindo chapéu para uma senhora, e a mais famosa história de Chapeuzinho é com a vovó, Chapeuzinho vermelho.



dezesseis



dezessete



“Escrevam, queridos meninos. Contem-nos tudo que sua alma contém. E podem contar conosco. Sê bem-vinda, imaginação. Vem!” (Fernando Capovilla)

Queridos meninos disléxicos, o Fernando Capovilla está certo, temos que escrever com a alma. Ela vai lhes dizer tantas coisas que vocês vão se surpreender com a beleza dos seus textos.

Tenho um amigo poeta de Porto Rico, Gilberto, que me deu uma outra dica. Quando se escreve um texto, tem que colocá-lo para dormir. Depois que ele dorme muito, vamos conseguir ver os nossos erros e os corrigir.

Um dia desses, escrevi um texto, postei nas redes sociais e havia um erro. Fiquei triste e escrevi para Fernando Capovilla, falando da minha tristeza. Ele mandou uma mensagem que acalmou a minha alma e me deu esperança:

"Eliane, todos erramos. Só não erra quem não escreve. Perceber e corrigir cada errinho é dar mais um forte passo rumo à competência e à felicidade. E viva a nossa borracha! Eu consumo caixas e caixas para me aproximar da verdade!"

Não esqueçam: não são só os disléxicos que erram quando escrevem. Errar é humano.



dezoito

“Querido disléxico, LEIA, LEIA e nunca deixe de LER. A leitura constante faz enriquecer o seu vocabulário, seu texto certamente será coerente coeso e criativo.

Pode ocorrer alguns erros ortográficos, mas o corretor do computador e seus amigos queridos o ajudarão. Não desista, não tenha medo de escrever, ouse. Escute o Coração, ele o guiará, muitos textos interessantes você conseguirá escrever e vai se admirar.

Se alguém tentar corrigir os seus erros ortográficos e não reconhecer o seu esforço, não ligue. Lembre de Patativa do Assaré: “É melhor escrever errado a coisa certa do que escrever certo a coisa errada...”



dezenove



“Precisamos ler o olhar das crianças que chegam ao nosso consultório. Alguns falam da tristeza por não conseguirem ler como os seus amiguinhos.

Devemos acolhê-las e tratá-las delicadamente, como os pássaros cuidam dos seus filhotes.

Necessitam de atividades que favoreçam o desenvolvimento do processamento fonológico e, ao se apropriarem das sílabas canônicas, já podem se alimentar com a leitura de livros diariamente.

A intervenção precoce no disléxico permitirá que ele saia do imbróglio da Dislexia. Menos traumas carregará na sua memória, não terá algemas que lhe prendam. Será leitor. Das páginas dos livros fará as suas asas e voará mundo afora.

“As crianças com dislexia sobem a ladeira da aprendizagem com um saco de pedras às costas”.

(Nuno Lobo Antunes)

Quem chegar no topo da montanha será um profissional de sucesso, acostumado a enfrentar desafios.

Das pedras que carregou não vai esquecer. Quando uma dificuldade aparecer no seu caminho, ele sabe que vai superar. A dislexia lhe deixou uma pessoa persistente.

As pedras vão lhe levar para lugares que nunca sonhou em chegar.



vinte

"A velhice traz uma espécie de teimosia. Mas em mim percebo mais um descompromisso. Quando se é mais jovem, se toma cuidado para não ser desaprovado".

(Caetano Veloso)

"A velhice não nos dá nenhuma sabedoria, simplesmente autoriza outras loucuras".

(Mia Couto)

A velhice me autorizou a escrever e postar textos nas redes sociais, mesmo sabendo que alguns deles podem apresentar alguns erros, como:

- emprego incorreto do verbo no infinitivo;
- pontuação inadequada;
- concordância verbal incorreta;
- omissão de artigos, preposições, verbos, substantivos e adjetivos;
- uso inadequado da crase;
- palavras escritas seguidamente (dislexia, dislexia);
- ortografia em desacordo com a oficial (embora isso seja raro).

Os meus textos têm a "deselegância discreta das meninas paulistas". Idosa, não tenho a ilusão de Narciso.

A teimosia carrego desde quando eu era só Lili. Fui teimosa com a "maligna da dislexia", ao aprender a ler e a escrever. E idosa, ainda mais teimosa. Ela nunca imaginou que eu teria coragem de postar textos meus nas redes sociais, escrever um e-book e de lançar um livro no próximo ano..





ORNITORRINCOBALA EDIÇÕES

FICHA TÉCNICA

NOME DO E- BOOK: DE DISLÉXICA A TERAPEUTA DE DISLÉXICOS

AUTORA: ELIANE MARIA FERNANDES CAMPOS

REVISÃO DE TEXTO: JESSICA SABRINA DE OLIVEIRA MENEZES

APRESENTAÇÃO: RESEANA MURRAY

